



XIX Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã

de 08 a 10 de outubro 2025
Universidade Federal do Tocantins

SEM TERRINHA EM AÇÃO: A FORMAÇÃO DO SUJEITO SEM TERRINHA NUM CONTEXTO DE MEDIATIZAÇÃO CONTEMPORÂNEA¹

Maria Aparecida da Silva
Ramon Bezerra Costa

Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

RESUMO

O trabalho aborda a formação da criança Sem Terrinha enquanto sujeito de luta dentro do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, focando principalmente, no impacto da mediação profunda, como apresentada por Andreas Hepp. Investiga como a mídia, especialmente as plataformas digitais, influencia a formação deste sujeito no cotidiano dos territórios de reforma agrária e discute a importância de pensar o letramento midiático e digital, com base em Fátima Regis e outros autores, ao desenvolver um Programa de Formação Teórica e Prática, de interpretação e produção de conteúdos, no intuito de promover uma ação crítica e de embate frente a realidade vivenciada pela criança Sem Terrinha no campo.

PALAVRAS-CHAVES: Sujeito Sem Terrinha; formação; letramento midiático e digital; audiovisual; produção.

1 INTRODUÇÃO

Ao integrar determinadas formas de comunicação, como os meios digitais, por exemplo, os movimentos sociais, como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), conseguem expandir sua narrativa histórica, além de conquistar uma maior visibilidade e consequente apoio para as causas que defendem. Porém, em um ambiente midiático saturado, é preciso pensar como a utilização desses mesmos meios podem impactar nas dinâmicas sociais, culturais e políticas na sociedade de maneira geral e nestes movimentos, em específico.

O tema é ainda um campo pouco explorado nas pesquisas acadêmicas e mesmo dentro do próprio MST, haja vista a pouca quantidade de materiais sobre a temática que se verifica nos espaços

¹ Trabalho apresentado no GT1 – Meios e Processos de Comunicação para a Cidadania da **XIX Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã 2025**, realizada de 08 a 10 de outubro de 2025, na Universidade Federal do Tocantins, Palmas-TO.

organizativos nos quais se inicia os diálogos a respeito do mesmo, como o Setor de Comunicação, de Educação e mesmo a Frente de Tecnologia da Informação do MST. Além disso, boa parte dos textos e materiais que abordam e analisam a temática da midiaticização no contexto de formação da criança analisam de um viés da educação nas cidades, tendo em vista também a premissa do acesso aos meios digitais e a internet no campo e na cidade.

Estudar e buscar entender os processos de midiaticização em áreas de reforma agrária e como estes interferem ou se relacionam com a formação do sujeito Sem Terrinha, é de fundamental importância para compreender como as novas tecnologias e as dinâmicas midiáticas presentes também no campo brasileiro impactam no modo de ser e pensar esse sujeito da luta social. Para isso, a investigação pretende a construção e desenvolvimento de um Programa de Formação Teórica e Prática junto ao Setor de Educação do MST, tendo como referência temas e práticas pedagógicas e comunicacionais que o MST já desenvolve voltado para o trabalho com as crianças Sem Terrinha nos territórios de reforma agrária.

2 METODOLOGIA (métodos e técnicas utilizados)

Para a realização da pesquisa recorreremos a alguns métodos que nos farão entender quais são as principais interlocuções e interferências das mídias nos processos de formação da criança Sem Terrinha. Dentre estes, uma revisão bibliográfica do que já existe sobre a temática, os personagens a serem abordados e os conceitos com os quais a pesquisa se pretende trabalhar, como fundamental para a visualização do estado da arte dos estudos e para o diálogo com os trabalhos sobre temas afins.

A pesquisa e análise documental, descritiva e exploratória também farão parte da metodologia, para entender onde se encontra o tema no contexto atual da sociedade e do Movimento Sem Terra e quais foram os processos e discussões por quais passaram até chegar ao ponto da necessidade de formulação sobre o mesmo. Para isso, a pesquisa utiliza como fontes alguns materiais de diferentes áreas, desenvolvidos pelo MST e outros, como a educação, infância, pedagogia, comunicação, cultura etc., bem como atas e relatorias produzidas a partir de reuniões e encontros dos setores de educação e comunicação sobre o tema das mídias e das formações, escolas do campo, além de pesquisa documental dos planos de formação já desenvolvidos pelo MST que visaram em algum momento a criança Sem Terrinha.

Para isso, partimos de uma abordagem qualitativa e da tentativa de pesquisa-ação em alguns momentos durante o processo metodológico da investigação, isto é, de conversas, proposição de exercícios mediados por plataformas digitais de reuniões on-line, WhatsApp etc., justificado pelo empecilho geográfico da mudança de país de residência da pesquisadora por dois anos, com retorno ao Brasil a cada ano. Isso significa que o trabalho remoto mediado pelas mídias no diálogo com as

próprias crianças Sem Terrinha, educadoras/es etc. se traduz também como um dos aspectos da mediação contemporânea, o qual pretendemos incluir na prática metodológica do presente trabalho.

Já na busca do espaço de análise, o presente trabalho pretende se utilizar da técnica qualitativa de um grupo focal de crianças Sem Terrinha e educadores da Escola Municipal Prof. Terezinha de Moura Rodrigues Gomes, localizada na Fazenda Pirituba, Projeto de Assentamento Pirituba II – Agrovila I, no sudoeste do estado de São Paulo. Caso necessário, a pesquisa também pretende a utilização de entrevistas semiestruturadas que ajudem aprofundar os temas com algumas ou boa parte das crianças do grupo, bem como educadores.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Para o desenvolvimento da reflexão necessária, a pesquisadora se apoia em autores que desenvolvem alguns conceitos relacionados ao tema, como o avanço das tecnologias e o conceito de mediação apresentado por Andreas Hepp, “que se refere à relação entre a transformação dos meios e da comunicação de um lado, e da cultura e da sociedade do outro” (HEPP, 2020) e de mediação profunda, “o estágio avançado de mediação, em que todos os elementos de nosso mundo social estão intrinsecamente relacionados às mídias e suas infraestruturas abrangentes” (idem), interfere na formação da infância Sem Terrinha, da criança Sem Terra como sujeito de luta em um movimento social do/no campo.

Nos apoiaremos em Fátima Regis, para pensar os conceitos de letramento midiático e digital que envolve a interpretação crítica das mídias, o acesso e construção destas, os interesses e intenções com as quais foram produzidas e até quais os efeitos/impactos que estas tem na sociedade e no território em que se analisa para se pensar um processo de alfabetização midiática para e com as crianças Sem Terrinha, numa perspectiva de como a criança se vê, se representa, ou como é representada, e como ela pode passar a se representar e representar a luta na qual está inserida.

Além disso, autores que trabalham temas como educomunicação, como Cicília Peruzzo, Isac Pereira dos Santos, o tema das plataformas digitais e online, como Carlos D’Andrea, de pesquisadores que desenvolvem temáticas relacionados à comunicação, educação e educomunicação também nos movimentos sociais, como Marcia Vidal, Helena Martins, Roseli Salete Caldart, Paulo Freire, Elis Rejane Santana da Silva, Ismar de Oliveira Soares, entre outros, bem como materiais do próprios MST.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Num primeiro momento de reflexão teórica do Programa de Formação Teórica e Prática para/com as crianças Sem Terrinha (que pode estar dividida em uma ou mais etapas), acrescenta-se a perspectiva de apresentar e analisar também as ferramentas e tecnologias sociais desenvolvidas pelo MST em outros momentos, que ajudem a desenvolver uma leitura crítica desses meios e plataformas, que já se fazem presentes no território e em contato diário com as crianças, e como podem ser usadas de maneira consciente das suas premissas e funcionalidades, para além do uso “automático” das mesmas.

O segundo, diz respeito ao fazer prático do que pode ser o uso, o aproveitamento consciente de algumas dessas mídias, como uma abordagem a partir do audiovisual no trabalho de formação do sujeito Sem Terrinha e na construção de novas narrativas a partir do seu ponto de vivência e de diálogo com as mídias presentes no seu espaço de convívio e atuação, se tornando ferramenta essencial para que o sujeito Sem Terrinha não apenas consuma conteúdos midiáticos, mas também crie e desenvolva.

Assim, no contexto da formação geral da criança Sem Terrinha isso se coloca em como a atuação destas são atravessadas pela mídia e como se veem, se representam em sua prática cotidiana dentro de uma organização social como o MST e como podem também passar a se representar depois de tomar consciência da interferência das mídias no seu cotidiano.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No contexto de midiaticização contemporânea é fundamental que os integrantes do Movimento Sem Terra, em especial as crianças Sem Terrinha passem a conhecer sobre letramento midiático e digital, o que implica em desenvolver habilidades e métodos de análise, de avaliação dos processos midiáticos e das próprias mídias digitais, além de se inserir na produção de conteúdos midiáticos de forma consciente e crítica, utilizando esses meios e plataformas digitais no sentido de fortalecer suas vozes e visibilizar a luta enquanto MST e enquanto sujeito Sem Terrinha dentro dessa organização.

A educação e formação contínua, também no campo da comunicação, como processos de permanente diálogo com a realidade vivenciada é parte fundamental para se pensar os aspectos da formação humana da criança como um todo, de estar na realidade e vivenciá-la de maneira crítica para que possam ter condições de intervir diretamente na mesma e em seus processos de necessária transformação, o que significa impacto não apenas imediato, mas também, e principalmente, a longo prazo.

O audiovisual, desde a análise de outros até a construção de seus próprios materiais, que reflitam e dialoguem com sua realidade, isto é, na leitura, interpretação e produção de narrativas,

oferece uma importante forma de reflexão e de expressão, principalmente se considerarmos a visibilidade que a mesma proporciona, às vezes em bem menos tempo do que outras expressões midiáticas, por conta dos meios de difusão e de acesso. Num mundo de muitos “produtores de conteúdos” nos mais diversos temas, é importante entender também como esses Sem Terrinha se relacionam com as mídias disponíveis em seus territórios e como isso proporciona também uma perspectiva sobre como elas se veem e reproduzem determinados aspectos das mesmas, assim como podem se utilizar dessas mesmas tecnologias para construir suas próprias narrativas, a partir do seu ponto de vivência na luta cotidiana.

REFERÊNCIAS

- BARRETO, Helena Martins do R.; NUNES, Márcia Vidal. **Das ideias que se fazem gestos:** sensibilização, formação e produção de novas ações comunicativas. In: XX Encontro Anual da Compós, 2011. Porto Alegre, Anais... Porto Alegre: UFRGS, 2011.
- D’ANDREA, Carlos. **Pesquisando plataformas online:** conceitos e métodos. Salvador: EDUFBA, 2020.
- HEPP, Andreas. **Da midiatização à midiatização profunda.** In. Midiatização, Polarização e Intolerância (entre ambientes, meios e circulações). FERREIRA, Jairo... [et al.] (organizadores). Santa Maria: FACOS – UFSM, 2020.
- PERUZZO, Cicilia M. Krohling. **Pedagogia da Comunicação Popular e Comunitária nos Movimentos Sociais.** Porto Alegre: Sulina, 2022.
- REGIS, Fátima. **Letramentos e mídias:** sintonizando com corpo, tecnologia e afetos. Contracampo, Niterói, v. 39, n. 2, p. 147-163. 2020.
- SILVA, Elis Rejane Santana da. **O Renascimento da Infância a Partir da Educomunicação.** In: SOARES, Ismar de Oliveira; Viana, Claudemir Edson; Xavier, Jurema Brasil. Educomunicação e suas áreas de intervenção: novos paradigmas para o diálogo intercultural. São Paulo: ABPEducom, p. 217-224, 2017.